

Comentário ao documento *Contributos para o Sínodo da Diocese de Lisboa*

Queridas irmãs e irmãos,

Espero que estejam bem; que a alegria e a paz do Ressuscitado estejam em cada um de vós. Acolhi com gratidão o convite que o grupo organizador do Escutar a Cidade me dirigiu: agradeço-o muito, no desejo de que o que eu venha a dizer não deflacione substancialmente a qualidade dos discursos ouvidos nas seis sessões promovidas e hoje mesmo. Vi este desafio como uma oportunidade de libertar a dimensão profética do meu batismo, tantas vezes adormecida. Organizei em seis ideias fundamentais e em seis projetos, a forma como interpreto e operacionalizo, respetivamente, o documento final do Escutar a Cidade e o que ele me fez sonhar quanto à Igreja à qual pertença.

Em primeiro lugar, espero uma Igreja com um modo de pensar os conteúdos da fé mais indutivo e menos dedutivo. Por outras palavras, que se substitua o método de definir e aplicar *a priori* modelos e arquétipos entre o religioso e o comportamental, por um inverso, que leia, escute e acolha a realidade, procurando perguntas e respostas à luz do Evangelho. Penso que isto é o primeiro contributo do Escutar a Cidade enquanto gesto. Do que pude contabilizar, estes três verbos (ler, escutar e acolher) são os mais recorrentes no documento, juntamente com o verbo «participar». Sonho ainda com uma Igreja em que a fé em Jesus seja transmitida de forma participada e partilhada e não tanto de um modo unilateral. Neste sentido, e a título de exemplo, falta, quer nas comunidades locais, quer na estrutura diocesana (nas cúpulas como nos corpos intermédios de autoridade e de poder), instâncias de estudo da realidade e de perscrutação de soluções pastorais que seja conjunta e que transporte um sentido de eficácia. Não quero dizer com eficácia utilitarismo mas uma consciência de consequencialidade, sobretudo quando está em causa o sofrimento de pessoas e a agilização do acesso à experiência de Jesus e de Igreja.

Em segundo lugar, sonho com uma Igreja em que a preocupação e intervenção doutrinal e reguladora se desloque da moral sexual para a moral social. Dito de outro modo, que a aferição da pertença eclesial não seja definida por axiologias da afetividade e da organização familiar e atente mais na eventual cumplicidade dos católicos com fenómenos de não-fraternidade como a exploração, a precaridade, a marginalização e a desigualdade de oportunidades. A sensibilidade ante as injustiças e a sua reparação substanciadas, por exemplo, na generosidade ante os famintos, estrangeiros, presos, etc. são na Bíblia objeto de exortação profética e do próprio Jesus; delas fizemos, porém, um cosmético e uma ação facultativa na identidade cristã. Por outro lado, Michel de Foucault referiu dois grandes paradigmas de perspetivação da sexualidade, um primeiro, predominante no Oriente, vê-a como arte; um segundo, característico do Ocidente, encara-a sob a égide da razão.¹ Apesar de muitos progressos da reflexão teológica e do magistério, a visão da afetividade e da sexualidade não está colocada no primeiro polo,

¹ Michel Foucault, *História da Sexualidade I: A Vontade de Saber*, tradução de Pedro Tamen, Lisboa, Relógio d'Água, 1994, p. 61-62.

nem atende à grande complexidade dessas vivências como maturação e crescimento para além da reprodução social. Isto significa que a afeto-sexualidade é por natureza uma realidade em aberto e convoca necessariamente o lidar com situações muito diversas.

O terceiro tópico é baseado no quarto ponto «Nós também excluimos» do documento «Contributos para o Sínodo da Diocese de Lisboa».² Teilhard de Chardin afirmou: «o mundo pertencerá a quem lhe oferecer a maior esperança».³ É-me dado afirmar que o mundo confiará em que lhe oferecer a maior humildade. Deste modo, a «purificação da memória» é uma condição para uma Igreja que seja laboratório da esperança para se reinventar a si própria e ao mundo. «Purificação da memória» foi uma expressão do papa João Paulo II evocada no impactante gesto do pedido de perdão pelos pecados cometidos por membros da Igreja que realizou no jubileu do ano 2000.⁴ Nessa circunstância, quer o papa quer a Comissão Teológica Internacional a quem pediu para estudar o tema, ofereceram uma reflexão sobre o perdão bastante cristocêntrica e dotada de uma perspectiva histórica.⁵ Ela pode ser atualizada na análise deste pedido de perdão sugerido no documento que hoje apresentamos. A sua concretização resgataria do esquecimento o gesto de João Paulo II, que não teve precedentes em toda a história da Igreja Católica, mas que corre o risco de não ter precedentes, em particular nas Igrejas locais e com especial pertinência neste ano Santo da Misericórdia. Provavelmente, o mundo não reconhecerá na Igreja a autoridade de perdoar os pecados, se a Igreja não reconhecer autoridade ao mundo para perdoar os seus. Tal gesto seria primordialmente positivo pela glorificação de Deus, destinatário primeiro do nosso arrependimento. Também purificaria a nossa misericórdia da sucessão de tibiezas e de dispersões em que adiamos o encontro com quem, querendo ou não, ferimos.

Quarta ideia: a Igreja não é para os pobres, a Igreja é dos pobres. Procurando ler criticamente o quotidiano das comunidades católicas da diocese, apercebo-me que no geral o pobre é uma figura retórica, uma peça de romantização de homilias e de outras discursividades. A palavra «pobre» satura os nossos discursos, mas paradoxalmente, os pobres não têm para nós um nome, nem filhos como os nossos, nem expectativas de vida como as nossas, nem caras nem corações. Os pobres fascinam-nos e assustam-nos porque são precisamente a aparição da nossa identidade mais radical, a saber, somos aqueles que não têm nada nem ninguém, a não ser Deus. Raúl Brandão, homem profundamente marcado pelo franciscanismo, assim falava do pobre, como uma teofania, na qual de repente o sagrado irrompe no meio da fugacidade do mundo.⁶ Estamos longe de tratar os pobres com este respeito intersticial, na consciência desta

² *Contributos para o Sínodo da Diocese de Lisboa*, p. 9.

³ Pierre Teilhard de Chardin, *Le Milieu Divine: Essai de Vie intérieure*, Paris, Seuil, 1957.

⁴ João Paulo II, *Incarnationis mysterium: Bula de Proclamação do Grande Jubileu do ano 2000*, 29 de novembro de 1998, 11.

⁵ Comissão Teológica Internacional, *Memória e reconciliação: a Igreja e as culpas do passado*.

⁶ Cf. Raúl Brandão – *O Padre*. Lisboa: Vega, [s. d.]. Ver também: Fernando Catroga, «Raúl Brandão e a questão religiosa», AAVV – *Ao Encontro de Raul Brandão (Actas do Colóquio)*. Porto: Universidade Católica Portuguesa: Centro Regional do Porto; Lello Editores, 2000.

dívida para quem rasga na realidade a verdade do que somos, e somos pobres de *Iaweh*, expressão bíblica que hoje poderia significar, à luz da *Laudato Si*, descartáveis para todos menos para Deus.⁷ Apesar de estar escrito que deles é o reino dos Céus, continuamos a achar que são eles que precisam de nós. A Igreja é deles, mas insistimos em ver como uma não-prioridade partilhar com eles a vida e os bens. A ajuda aos pobres, a igreja dos pobres, não é quotidiano; não é o ponto de fuga da paisagem do cristianismo comunitário e individual.

Especializámos o encontro com os pobres em organizações e eventos determinados, e assim os evitamos. Temos de decidir se queremos ajudar os pobres como tecnocratas, opinadores, ricos ou se queremos ajudar os pobres como pobres. Acredito que só os pobres ajudam os pobres na exata medida em que acredito que só um Deus feito homem salva os homens, assim o defendeu Santo Anselmo de Cantuária, na sua obra *Cur Deus Homo*.⁸ Nunca se erradicará a pobreza sem a experiência da amputação do nosso ordenado e do nosso conforto; os quais, estranhamente, permanecem imaculados. Nunca se erradicará a pobreza sem se erradicar a riqueza, certas formas de riqueza. Há que pensar em formas de sustentabilidade financeira para uma caridade eficaz, que efetivamente acabe com a pobreza e com o sofrimento que comporta. Isso terá de passar pela mobilização de uma generosidade objetiva dos católicos, sobretudo os que têm mais rendimentos. Será a nossa caridade um coração a coração, um corpo a corpo, um face a face com o outro frágil e com o Deus frágil? Ou é de tipo assistencialista e burocrático, que parece muitas vezes existir para ser imediatamente mostrada? Por vezes ajudamos de uma forma quase pornográfica, com uma ausência de pudor, uma incapacidade do silêncio que é condição de uma ternura gratuita. Sabe a mão esquerda o que faz a direita e sabem todos. Os pobres necessitam em primeiro lugar que os reconheçamos. Que reconheçamos as suas capacidades e dons, o que já fazem e podem vir a fazer.

As comunidades católicas organizam-se mais ou menos em torno do estatuto social, do nível cultural ou económico: tendencialmente são intraclassistas e não interclassistas. As paróquias mais ricas desconhecem a realidade das paróquias mais pobres; vivem desencontradas. Numas e noutras, só quem tem uma estrutura económica e familiar mínima acede às ofertas de instrução religiosa, bem assim da arte, do lazer e da experiência de Igreja que as comunidades proporcionam nomeadamente aos seus jovens. A pastoral juvenil vive de atividades a maior parte das vezes egocentras nos interesses dos seus grupos, que assim vivem alienados ao sofrimento alheio; isto implicará atenção de pensamento e de espiritualidade inserida no que exatamente vivem. A caridade é uma experiência profundamente desencantadora, e nessa medida, estruturante do ser-se cristão; contudo, os nossos jovens são-lhe quase imunes porque os superprotegemos.

⁷ Papa Francisco, *Carta Encíclica Laudato Si: Sobre o Cuidado da Casa Comum* 43 – 45.

⁸ *Opera Omnia - S. Anselmi Cantuariensis Archiepiscopi – ad fidem codicum recensuit Franciscus Salesius Schmitt*, Edimburg, Thoman Nelson et Filios, 1946-1951.

Em quinto lugar, espero uma Igreja em que se transite de uma pastoral centrada na «atividade» para uma pastoral centrada no acompanhamento; de um ativismo celebrativo e formativo, para um investimento na «espessura» de relação com os frágeis, os feridos, os pobres. Em que se transite da «pastoralite» para a misericórdia. Espero um catolicismo que seja menos de famílias e mais de convertidos. Sonho com um laicado místico, criativo e radicalmente bondoso, que supere a clericodependência, não raras vezes criticada pelo papa Francisco.⁹ As paróquias são estruturas burocráticas pesadíssimas que adotaram uma lógica empresarial: norteiam-se pelo sucesso, pela excelência, por resultados, pelas reuniões, pelos programas, pela concorrência no fazer e ser... O potencial dos leigos é nisto abafado e esgotado ou, ainda, mimetizam um clericalismo cultural ou mental que marca a sua atuação. Por outro lado, os pobres, que não têm esta cultura burocrata-empresarial, são natural e imediatamente excluídos. Em geral, eles são mais do registo da festa que da reunião, do imprevisto que da agenda, das necessidades básicas que das necessidades secundaríssimas. Neste desajuste, o abismo entre o centro da comunidade e a periferia agudiza-se. Espero uma Igreja que se esforce em formar e estimular lideranças laicais improváveis; que ajude os pobres não só com a lógica da esmola mas com a cedência do lugar no protagonismo dos carismas, dos serviços e das responsabilidades das e nas comunidades.

Em sexto lugar, espero uma Igreja em que a chamada «pastoral da cultura» procure métodos de alfabetizar pela arte (em sentido amplo e não através de narcisismos expressivos) a espiritualidade dos descartados da sociedade, especialmente das suas gerações mais novas. É um imperativo proporcionar aos que estão longe das elites uma gramática estética que lhes permita, por exemplo, desfrutar da eucaristia, ler a memória artística da Igreja e do mundo e proporem modalidades novas de expressão e de celebração da fé. A oração, a arte, o estudo e a generosidade são incubadoras da densidade da relação com Jesus, que por sua vez densifica as relações humanas e a visão do mundo. A existência ou não de dispositivos eclesiais que facultem esta delicadeza espiritual e relacional é em alguns bairros uma questão de vida ou de morte.

Proponho agora seis projetos de natureza prática.

Primeira proposta: efetuar-se um levantamento de zonas de intervenção pastoral prioritária na diocese. Este projeto, inspirado na comunicação da arquiteta Helena Roseta na quinta sessão do Escutar a Cidade, ao expor o projeto BIP-ZIP, permitir-nos-á rever, e cito a parte final do ponto 5 do texto, «as prioridades de colocação de ministros ordenados e de outras formas e meios de assistência religiosa nos bairros e zonas da nossa diocese mais marcadas pela periferização».¹⁰ De facto, temos até agora sobrevoado as periferias em discursos. Falta sinalizá-las e entranharmo-nos, no partir do pão e no repartir quotidiano do que somos e temos, nestas zonas de descartados, nos

⁹ Por exemplo: Papa Francisco, Discurso aos Participantes no Congresso Internacional de Pastoral das Grandes Cidades, 27 de Novembro de 2014.

¹⁰ *Contributos para o Sínodo da Diocese de Lisboa*, p. 10.

«bairros de exílio», recorrendo a uma expressão de François Dubet e Didier Lapeyronnie.¹¹

Segunda proposta: promoverem-se «protocolos pastorais» entre paróquias ricas e paróquias pobres, em que os leigos e mesmo o clero de uma dada comunidade em que não existam periferias mais urgentes ou evidentes convirjam numa missão conjunta numa paróquia com falta de recursos pecuniários, ou por exemplo envelhecidas, que não consigam dar resposta aos problemas de pobreza existentes no seu território. Podemos também inventar formas dos jovens e adultos desenquadrados e desocupados pelas interdições da atual organização do trabalho, analisarem connosco o fenómeno da solidão e de outras patologias sociais e intervirem na sua resolução. Trata-se no fundo de colocar os que aparentemente mais precisariam de ajuda a serem eles próprios atores da caridade.

Terceira proposta: criar grupos paroquiais de ação social, uma proposta que retirei de um artigo do Doutor Acácio Catarino publicado no segundo fascículo da revista *Didaskalia* de 2014.¹² Estes grupos seriam integrados por «representantes de todas as zonas territoriais da paróquia, a fim de que exista proximidade efetiva das pessoas carenciadas»; a sua ação englobaria desde o «contacto pessoal, prestação da ajuda possível, mediação junto a outras entidades e acompanhamento, até à solução cabal de cada caso» à «intervenção estrutural, junto de centros de decisão política ou outros». Poderia e deveria ser uma dinâmica, ao modo de «grande movimento social de cristãos»,¹³ transparoquial. Neste artigo e noutros textos o doutor Acácio Catarino faz outras propostas que deveriam ser ponderadas.

Quarta proposta: investir-se no Centro de Estudos Pastorais da diocese, que penso poder qualificar como um sonho do padre António Janela. A forma como o vejo é a de um centro em que se promova o estudo, nomeadamente *in loco*, com a metodologia das ciências sociais (a entrevista, a observação, o inquérito, etc.). Que seja também um espaço de experimentação, em que se afirmem e testem estratégias. Que se escute e avalie o que dizem quer atores quer figurantes pastorais, quer o público que se procure servir. A médio e a longo prazo, que se equacionem parcerias com universidades e faculdades de modo a melhor estudar a realidade e, quem sabe, proporcionar bolsas de estudo a jovens carenciados com vontade de estudar, que falem da periferia na primeira pessoa, e que com o seu estudo, construam uma melhor vida e ajudem a diocese a «chegar a todos».

Quinta proposta: ser-se ousado no ecumenismo e em projetos interreligiosos. Isto pode englobar iniciativas de oração conjunta, de reflexão, de redação e edição conjunta de

¹¹ François Dubet; Didier Lapeyronnie, *Les Quartiers d'Exil*, Paris, Seuil, 1992.

¹² Acácio F. Catarino, «As comunidades cristãs e a ação social: caminhos de reflexão e de prática», 46: 2 *Didaskalia : Revista da Faculdade de Teologia / Lisboa*, 46:2 (2014) 215 – 233.

¹³ Cf. João Paulo II, *Carta Encíclica Centesimus Annus* 3. Ver exposição de Acácio Catarino: programa *Ecclesia* de 05/06/2013 <http://www.ecclesia.pt/programa/noticia.php?id=95795>.

documentos, de literatura teológica e mesmo de catecismos (e estou a inspirar-me em palavras do jornalista António Marujo, referindo-se a uma conversa com um pastor presbiteriano, no programa *Ecclesia* de 21/01/2013).¹⁴ Colaborar com os nossos irmãos protestantes no combate à pobreza, uma vez que muitas comunidades evangélicas têm particular experiência em trabalhar com populações migradas, etc. Podemos, designadamente, apoiar as comunidades muçulmanas com o facultar de espaços onde possam encontrar-se ou inclusivamente formar as suas crianças e jovens de forma a exorcizar a eminência do recrutamento pelo *Daesh*, que é uma realidade na periferia da nossa cidade.

Sexta proposta: criar universidades populares (círculos de estudo que não de tipo eclesiástico ou clerical) nas zonas de intervenção prioritária, sugeridas na primeira proposta. Elas ofereciam uma formação às populações mais carenciadas, sejam jovens ou adultos, por parte de professores, teólogos, artistas, jornalistas, cientistas, católicos ou não. Teria uma metodologia informal e não tanto escolar, funcionaria à maneira de *workshops*, partilha coloquial do conhecimento e de visitas de estudo, e investiria numa partilha da ciência, da arte, espiritualidade e demais culturas, em particular as dos próprios alunos. Seria uma formação certificada que melhor capacitaria estas populações na procura de emprego, no seu desempenho profissional, na educação dos seus filhos, na participação na Igreja e na sociedade.

Queridas irmãs e queridos irmãos, quero pedir-vos desculpa se em algum momento fui arrogante, espiritualmente arrogante. Perdoem-me se vos magoei com algum juízo de valor, que não soube evitar. As minhas limitações como pessoa e como cristã impediram-me de escrever algo menos judicativo, mais contemplativo do que já ocorre de tão belo e bom.

Quero dizer, para terminar, que amo muito a Igreja. Devo-lhe muito do que sou, quase tudo o que sei; foi ela que me deu e dá o que de mais precioso eu tenho: Jesus. A *casta meretrix*, como a viam os primeiros cristãos; o povo de Deus, como o concílio Vaticano II a definiu. Há dias Miguel Esteves Cardoso escrevia «amar é um casamento de solidões». ¹⁵ Assim vejo a Igreja: uma teia de solidões, que se intersectam na experiência de Jesus, o Só, à luz da tradição carmelitana, o Só que quer precisar da nossa companhia; o rosto de Deus comunidade de amor que quer precisar da nossa solidão. Vejo a Igreja como a grande utopia de Jesus. Vejo-a como aqueles sistemas de rega que despertam ao fim da tarde pelos jardins da cidade. Como se de cada cristão que se precipita sobre a Palavra, sobre o frágil, ou sobre o pão da vida, brotasse um fio de água que mata a sede do mundo e amolece o estilhaçamento da humanidade. Recorrendo ao cenário da morte de São Maximiliano Kolbe, vejo a Igreja como o emissor de um canto de adoração inadiável, trémulo, resistente e irresistível, no meio de um *bunker* escuro onde gritos e vozes agónicas se sobrepõem. Vejo a Igreja como uma melodia débil e

¹⁴ <http://www.ecclesia.pt/programa/noticia.php?id=94104>

¹⁵ Miguel Esteves Cardoso, «Amar alguém», *Público*, 29 de março de 2016.

forte, de louvor e de ânimo no meio do concerto cacofónico da angústia do mundo. Vejo a Igreja como um exército de pessoas boas e belas, mulheres e homens de Deus, instrumentos da atração de Jesus... Jesus que atrai e atrairá a si todas as pessoas e todas as coisas.

Cátia Sofia Ferreira Tuna
Lisboa, 16 de Abril de 2016